

## O REI DA BABILÔNIA E O REI DE TIRO: UMA ANÁLISE

### DE ISAÍAS 14:12-15 e EZEQUIEL 28:11-19

*THE KING OF BABYLON AND THE KING OF TYRE: An Analysis*

*of Isaiah 14:12-15 and Ezekiel 28:11-19*

Carlos Augusto Vailatti<sup>1</sup>

#### Resumo

O presente artigo tem o objetivo de discutir a respeito da identidade dos reis da Babilônia e de Tiro nas respectivas passagens bíblicas de Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19 a partir do contexto interpretativo judaico-cristão. Além disso, buscar-se-á apresentar a análise dos referidos textos bíblicos, tendo como principal referencial a abordagem histórico-mitológica deles.

**Palavras-chave:** Rei da Babilônia, Rei de Tiro, Mitologia, Exegese.

#### Abstract

The present article has the objective of to discuss the identity of the kings of Babylon and Tyre in the respective biblical passages of Isaiah 14:12-15 and Ezekiel 28:11-19 from the interpretative Judeo-Christian context. Also, we will seek to present the analysis of these biblical texts, having as the referential main the historical-mythological approach of the same.

**Key-words:** King of Babylon, King of Tyre, Mythology, Exegesis.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Judaicos e Árabes, com concentração em Estudos Judaicos, pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Servo de Cristo (STSC) e Bacharel em Teologia pelo Instituto Betel de Ensino Superior (IBES) e também pela Escola Superior de Teologia (EST).  
augustovailatti@ig.com.br

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história da interpretação bíblica, os exegetas têm divergido consideravelmente sobre o verdadeiro significado de Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19. Para alguns, o sentido desses textos é incerto, de modo que os veem como "duas passagens enigmáticas" da Bíblia.<sup>2</sup> Já para outros, o significado desses trechos bíblicos é bem claro, pois, argumentam, "as duas passagens centrais do Antigo Testamento sobre Satanás são Ezequiel 28 e Isaías 14".<sup>3</sup> E ainda outros, por sua vez, afirmam que estes mesmos textos se referem com clareza a "reis humanos", e não a um anjo mau.<sup>4</sup>

Ora, quem, afinal, está com a razão? Qual é a interpretação mais adequada para esses textos? Será que Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19 retratam tanto a queda de dois reis humanos, isto é, o rei da Babilônia e o rei de Tiro, respectivamente, como também descrevem a queda original de um ser angelical, conhecido na tradição cristã antes de sua queda como *Lúcifer* e posteriormente como Satanás? Essas passagens bíblicas realmente falam sobre a queda de um anjo originalmente bom? Se não, qual seria então a verdadeira identidade desses reis? Quem seriam os personagens *hêlêl ben-shâhar* de Isaías 14:12 e *melekh tsôr* de Ezequiel 28:12? Como interpretar algumas expressões presentes nessas passagens que parecem apontar realmente para uma entidade angelical? Como o Judaísmo e o Cristianismo têm interpretado esses textos nas origens de suas respectivas tradições? Bem, estas são algumas perguntas que buscaremos responder até o término desse estudo.

Neste artigo apresentaremos as principais interpretações dadas a Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19 no contexto judaico-cristão e, em seguida, forneceremos a nossa tradução, análise e interpretação dos principais termos e frases presentes nessas passagens bíblicas. Por meio do reexame desses

---

<sup>2</sup> MARKOS, 2013, p.218.

<sup>3</sup> INGRAM, 2006, p.46.

<sup>4</sup> HEASTER, 2007, p.342.

textos bíblicos pretendemos dar a nossa contribuição para os estudos referentes a este assunto. Iniciemos, então, a nossa jornada.

## 1. A IDENTIDADE DO REI DA BABILÔNIA EM ISAÍAS 14:12-15 E DO REI DE TIRO EM EZEQUIEL 28:11-19 SEGUNDO A TRADIÇÃO JUDAICA

A identidade dos reis de Tiro e da Babilônia é um tema que tem estado presente na tradição judaica por meio dos escritos de seus sábios. Contudo, devido às limitações do presente estudo, nos restringiremos a apresentar apenas algumas fontes literárias que abordam este assunto.

### 1.1. Talmude Babilônico (200-500 d.C.)

O Talmude Babilônico, no *Tratado Shabbath* 149b, interpreta Isaías 14:12 desse modo:

"Como caíste do céu, ó estrela do dia, filho da manhã! Como foste lançado por terra tu *holesh* [que fizeste lançar sortes] sobre as nações" (Isaías 14:12) etc. Rabbah, filho do R. Huna disse: "Isto ensina que ele [Nabucodonosor] lançou sortes sobre os chefes reais para saber de quem era a vez da pederastia". (EPSTEIN, 1961, p.925).

Essa descrição altamente depreciativa e fantasiosa do rei babilônico mostra que "as lendas sobre os excessos e a má conduta sexual de Nabucodonosor cresceram ao longo do tempo e tornaram-se cada vez mais bizarras".<sup>5</sup> Entretanto, excluindo-se os elementos lendários, nota-se que essa declaração talmúdica associa o personagem *hêlêl ben-shâhar* ("o brilhante, filho da Alvorada") de Isaías 14:12 a Nabucodonosor.<sup>6</sup> Além disso, o Talmude Babilônico, no *Tratado Pesahim* 94a-94b, interpreta Isaías 14:14 assim:

R. Yohanan ben Zakkai disse: "Que resposta a Bath Kol deu àquele homem perverso [Nabucodonosor] quando ele afirmou: 'Eu subirei acima das alturas das nuvens; Eu serei semelhante ao Altíssimo'? (Isaías 14:14). Uma Bath Kol veio e o repreendeu: 'Tu és um homem mau, filho de um homem mau, descendente do perverso Nimrod, que incitou todo mundo a se rebelar contra Mim durante o seu reino!'" (EPSTEIN, 1961, pp.1764-1765).

<sup>5</sup> HENZE, 1999, p.133.

<sup>6</sup> BOTTERWECK & RINGGREN, 1974, p.468.

Aqui, o Talmude põe a declaração megalomaniaca de Isaías 14:14 nos lábios do rei babilônico Nabucodonosor, nome este que não aparece uma única vez em todo o livro do profeta Isaías. Observa-se ainda o emprego que o Talmude faz da expressão hebraica *Bath Kol* ("filha de uma voz"), uma terminologia recorrente na literatura rabínica usada para referir-se à "voz divina".<sup>7</sup> Além disso, nota-se novamente a presença de uma lenda talmúdica segundo a qual Nimrod, como o primeiro de seus ancestrais, teria servido de inspiração para Nabucodonosor em sua conduta arrogante diante de Deus.<sup>8</sup>

### 1.2. Mekhilta De-Rabbi Shimon Bar Yohai (70-500 d.C.)

Esta *Mekhilta*, que apresenta uma antologia de tradições rabínicas de interpretação (midrash), no *Tratado Shirata* XXVIII:1:10:A-C, declara:

A. Porque assim você descobre com Nabucodonosor, que pelos [muitos] meios pelos quais ele se exaltou diante dEle, Ele exigiu a sua punição. B. Como diz a Escritura: "Uma vez que você pensou em seu coração, 'Eu subirei ao céu etc'". (Isaías 14:13). C. O que [mais] a Escritura diz? - "Em vez disso, você será levado para baixo, ao Sheol etc" (Isaías 14:15). (NELSON, 2006, p.125).

Nesse trecho da *Mekhilta De-Rabbi Shimon Bar Yohai* percebe-se mais uma vez a relação estabelecida entre Nabucodonosor e o personagem arrogante descrito em Isaías 14:12-15.

### 1.3. Livro dos Segredos de Enoque (I Século d.C.)

No *Livro dos Segredos de Enoque* 29:3-4 (obra pseudepígrafa também conhecida como *Enoque Eslavônico* ou *2 Enoque*) encontramos uma linguagem que remete àquela de Isaías 14:12-13a:

<sup>3</sup> E um dos anjos, tendo saído de sua hierarquia e se desviado para uma hierarquia abaixo da sua, concebeu um pensamento impossível: colocar o seu trono acima das nuvens que se encontram sobre a terra, para que seu poder se igualasse ao meu. <sup>4</sup> Precipitei-o do alto com seus anjos, e ele pôs-se a voar por cima do abismo, continuamente. (PROENÇA, 2005, p.116).

<sup>7</sup> COHN-SHERBOK, 1998, p.40.

<sup>8</sup> EFRÓN, 1987, p.85.

Apesar dessa obra ser datada do I Século d.C. e classificada geralmente como de origem judaica,<sup>9</sup> foi aventada também a possibilidade de ter sido escrita entre o II ou III Séculos d.C. por "um judeu cristão que estava interessado em produzir uma contraparte cristã ao 1 Enoque judaico".<sup>10</sup> Seja como for, essa referência feita a um anjo que é precipitado do céu com seus anjos se aproxima mais da descrição cristã da queda do diabo e seus anjos em Apocalipse 12:9 do que da menção ao rei babilônico Nabucodonosor. Desse modo, independentemente da procedência de 2 Enoque, a influência do pensamento cristão nesse trecho do livro é evidente.

#### 1.4. Pirkê De-Rabbi Eliezer (IX Século d.C.)<sup>11</sup>

Os *Pirkê De-Rabbi Eliezer* (também conhecido pela sigla: PRE), uma obra midráshica-agádica sobre a Torah que contém exegese e releituras de histórias bíblicas, apresentam, em seu Capítulo 12, a seguinte explicação sobre a identidade do personagem mencionado em Ezequiel 28:13:

O Santo, bendito seja, fez dez aposentos nupciais para Adão no jardim do Éden. Eles foram todos (feitos) de pedras preciosas, pérolas e ouro. [...] a fim de conferir honra especial ao primeiro homem, o Santo, bendito seja, fez dez (aposentos nupciais) no jardim do Éden, como está escrito: "Tu estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era tua cobertura, a sardônica, o topázio, o diamante, o berilo, o ônix, o jaspe, a safira, a esmeralda, o carbúnculo e o ouro" (Ezequiel 28:13). Eis que estes são os dez aposentos. Os anjos estavam tocando tamborins e dançando com pífaros, como está escrito: "A obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava contigo" (Ezequiel 28:13). (FRIEDLANDER, 1916, pp.88-89).

Observa-se, nesse trecho dos *Pirkê De-Rabbi Eliezer*, a total ausência de vínculo entre o rei de Tiro (que nem sequer é mencionado) e Adão, relação que

---

<sup>9</sup> Classificamos essa obra como pertencente à tradição judaica porque entende-se comumente que o seu autor foi um judeu de Alexandria, no Egito. (Cf. HELYER, 2002, p.380-381).

<sup>10</sup> CROSS & LIVINGSTONE, 2005, p.551.

<sup>11</sup> Embora esta obra seja atribuída tradicionalmente ao Rabi Eliezer ben Hyrcanos (I-II Século d.C.), todavia, o estudo da linguagem e do estilo dos PRE revelou tratar-se, na verdade, de uma obra pseudepigráfica, uma tentativa do autor do período dos *geonim* (589-1038 d.C.) - mais precisamente do IX Século - de representar o seu trabalho como sendo do período *tanaítico* (100-200 d.C.). (Cf. SACKS, 2009, p.42).

é estabelecida em Ezequiel 28:11-13. Além disso, a referência feita aos aposentos nupciais de Adão é interpretada pelo *Tratado Baba Bathra* 75 a-b como uma indicação escatológica de que Adão foi um homem justo e que, portanto, ele será contado entre os justos no mundo vindouro.<sup>12</sup>

#### 1.5. Mekhilta De-Rabbi Ishmael (I-II Século d.C.)<sup>13</sup>

A *Mekhilta De-Rabbi Ishmael*, que é uma antologia de antigas interpretações rabínicas sobre o livro de Êxodo, em seu Tratado *Shirata* 8:32, declara o seguinte:

[Outra interpretação: *Quem é semelhante a Ti entre os deuses, ó Senhor* (Êxodo 15:11)]. Quem é semelhante a Ti entre aqueles que se chamam deuses? Faraó chamou a si mesmo deus, como está escrito: "*Uma vez que o rio Nilo é meu e eu me fiz*" (Ezequiel 29:3). E do mesmo modo Senaqueribe, como está escrito: "*Quem são eles entre os deuses dessas nações*" etc (Isaías 36:20). E da mesma sorte Nabucodonosor, como está escrito: "*Eu subirei acima das alturas das nuvens*" etc (Isaías 14:14). E também o príncipe de Tiro, como está escrito: "*Filho do homem, diga ao príncipe de Tiro: Assim diz o Senhor Deus: 'Porque o teu coração se elevou'*" etc. (Ezequiel 28:2). (LAUTERBACH, 2004, p.398).

Neste trecho, a singularidade de Yahweh é realçada em detrimento das tentativas humanas malsucedidas de autodivinização exemplificadas por quatro reis estrangeiros: Faraó, rei do Egito; Senaqueribe, rei da Assíria; Nabucodonosor, rei da Babilônia; e o anônimo rei de Tiro. Aqui, tanto o rei da Babilônia quanto o rei de Tiro são retratados como meros seres humanos que aspiram insensatamente à posição da divindade.

#### 1.6. Midrash Tanhuma (VIII-IX Século d.C.)<sup>14</sup>

<sup>12</sup> PATMORE, 2012, p.23-24.

<sup>13</sup> Apesar das discussões referentes à datação dessa Mekhilta, Neusner afirma que o consenso prevalecente entre os eruditos é de que ela foi redigida entre o I e o II Século d.C. (Cf. NEUSNER, 2001, p.xxxiv, nota 15).

<sup>14</sup> Townsend afirma que é muito difícil datar com precisão a redação do *Midrash Tanhuma*. Contudo, explica que "a recensão de Buber como nós a conhecemos não pode ter existido muito antes do nono século simplesmente porque o Midrash cita um capítulo completo das *She'iltot* por R. Ahai de Shabba, que viveu na metade do oitavo século". (Cf. TOWNSEND, 1989, p.xii).

Finalmente, o *Midrash Tanhuma* (edição de Salomão Buber), obra que apresenta uma coleção de comentários sobre a Torah, assim se pronuncia sobre a identidade do rei de Tiro no contexto de Ezequiel 28:1-19:

Outra interpretação [...] você encontra em Hirão [rei de Tiro], quando se fez um deus. O que está escrito? *"Porquanto se elevou o teu coração e disseste: eu sou um deus"* (Ezequiel 28:2). O Santo, bendito seja, lhe disse: *"Eis que tu és mais sábio que Daniel"* (Ezequiel 28:3). Nabucodonosor quis oferecer-lhe sacrifícios [a Daniel] e ele se recusou, mas tu tens fabricado um deus. Qual é o seu fim? *"Eu te lançarei sobre a terra"* (Ezequiel 28:17). (ARMENTEROS, 2009, p.429).

Observamos neste midrash que Hirão, rei de Tiro, ao auxiliar o rei Salomão na construção do templo (cf. 1 Reis 5:1-18; 9:10-28; 2 Crônicas 2:1-16 etc), acabou tendo a sua imagem vinculada pela imaginação rabínica à figura do rei de Tiro de Ezequiel 28:11-19.<sup>15</sup>

## 2. A IDENTIDADE DO REI DA BABILÔNIA EM ISAÍAS 14:12-15 E DO REI DE TIRO EM EZEQUIEL 28:11-19 SEGUNDO A TRADIÇÃO CRISTÃ

A identidade dos reis da Babilônia e de Tiro nos textos anteriormente mencionados também tem sido um tema recorrente na tradição cristã, sobretudo nos escritos dos chamados "pais da Igreja". Entretanto, pelas razões já mencionadas, nos limitaremos a apresentar apenas alguns excertos sobre a temática em estudo.

### 2.1. Orígenes (182-254 d.C.)

Ao que parece, Orígenes (185-254 d.C.) foi o primeiro a associar os reis da Babilônia (Cf. Isaías 14:12-15) e de Tiro (Cf. Ezequiel 28:11-19) à figura de Satanás. Em sua obra *De Principiis*, Livro I, Capítulo 5, § 5, declara:

Nós temos demonstrado, então, que o que citamos com relação ao príncipe de Tiro a partir do profeta Ezequiel [Ezequiel 28:11-19] se refere a um poder adverso e por isso é mais claramente provado que aquele poder foi outrora santo e feliz; do qual estado de felicidade ele caiu a partir do momento em que a iniquidade foi encontrada nele, e foi arremessado à terra, e não foi tal por natureza e criação. Somos da opinião, portanto, de que estas palavras são ditas de um certo anjo que

<sup>15</sup> PATMORE, 2012, p.26.

havia recebido o ofício de governar a nação dos tírios e para quem também as suas almas haviam sido confiadas para serem cuidadas [...]. Mais uma vez, somos ensinados do seguinte modo pelo profeta Isaías a respeito de outro poder adversário. O profeta diz, 'Como Lúcifer, que costumava surgir pela manhã, caiu do céu!' [Isaías 14:12] [...]. Mais evidentemente por estas palavras ele está demonstrando ter caído do céu aquele que antes era Lúcifer, e que costumava surgir pela manhã. Se, pois, como pensam alguns, ele possuía uma natureza de trevas, como se diz que Lúcifer existia antes? Ou como poderia surgir pela manhã aquele que em si mesmo nada tinha de luz? Ou melhor, até mesmo o próprio Salvador nos ensina, dizendo do diabo, 'Eis que vejo Satanás cair do céu como um raio' [Lucas 10:18]. Por um momento ele foi luz. (ROBERTS & DONALDSON, 1869, p.51-52).

Orígenes pertencia à escola de interpretação bíblica "alegórica" de Alexandria, no Egito, cujo método interpretativo "tenta ir além do significado óbvio da superfície [do texto] e busca significados 'mais profundos e ocultos'".<sup>16</sup> Tal abordagem foi o principal método de interpretação bíblica usado pelos cristãos ao longo de toda Idade Média.<sup>17</sup> Uma vez que Orígenes, em sua metodologia hermenêutica, via um sentido tríplice na Bíblia, a saber, literal, moral e espiritual/alegórico,<sup>18</sup> isso explica o *porquê* de ele ter visto uma alusão à queda original de Satanás por trás da queda dos reis da Babilônia e de Tiro, em Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19.

## 2.2. Tertuliano (160-220 d.C.)

Tertuliano, em sua obra *Contra Marcião*, Livro V, Capítulo 12, assim se refere à identidade do arrogante personagem retratado em Isaías 14:13-14:

"Eu estabelecerei o meu trono [acima das estrelas... Eu subirei] acima das nuvens; Eu serei semelhante ao Altíssimo". Isto deve significar o diabo [...].(DONALDSON, 1868, p.459).

Observa-se novamente que Tertuliano, em seu lacônico mas incisivo comentário sobre Isaías 14:13-14, ecoa o pensamento de Orígenes quanto ao significado alegórico dessa passagem bíblica.

## 2.3. Agostinho (354-430 d.C.)

<sup>16</sup> XUN, 2010, p.124. Os acréscimos entre colchetes são nossos.

<sup>17</sup> MCKIM, 1998, p.60.

<sup>18</sup> ZUCK, 1991, p.36.

Agostinho, em sua obra *A Cidade de Deus* 11:15, assim se pronuncia sobre a identidade dos reis da Babilônia e de Tiro:

Tanto [...] Isaías [...] representa o diabo sob a pessoa do rei da Babilônia: "Como tu caíste, ó Lúcifer, filho da manhã!" [Isaías 14:12], [quanto] o que Ezequiel diz: "Tu estavas no Éden, o jardim de Deus; toda a pedra preciosa era a tua cobertura" [Ezequiel 28:13] [...]. (AGOSTINHO, 1994, p.359).

Deve-se lembrar que para este importante pensador do Cristianismo antigo, a Bíblia possuía um sentido quádruplo: literal; alegórico; tropológico ou moral; e anagógico.<sup>19</sup> Some-se a isto ainda o fato de Agostinho entender que foi o *orgulho* o principal motivo da queda original do diabo.<sup>20</sup> Desse modo, o orgulho dos reis da Babilônia e de Tiro e suas respectivas quedas descritas em Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19 serviram-lhe de arquétipo para o orgulho e a consequente queda original de Satanás.

#### 2.4. Cirilo de Jerusalém (313-386 d.C.)

Cirilo de Jerusalém, em suas *Catequeses* II:4, assim interpreta Ezequiel 28:12-13:

Embora ele fosse um arcanjo, ele foi posteriormente chamado diabo [...], ele foi posteriormente corretamente chamado Satã, pois Satã é interpretado "o Adversário". Isto não é o meu ensino, mas aquele do inspirado profeta Ezequiel. Pois, tomando um lamento contra ele, diz: "Você era o selo da semelhança, e a coroa da beleza; você foi gerado no Paraíso de Deus" [...]. (MCCAULEY & STEPHENSON, 1969, p.98).

Embora o método de interpretação da Escritura de Cirilo tivesse mais em comum com a escola de Antioquia da Síria<sup>21</sup> (que prezava pelo sentido literal do texto) do que com a escola de Alexandria, no Egito (que enfatizava o seu sentido alegórico), todavia, este último prevaleceu em sua leitura de Ezequiel 28:11-19. Esse fato demonstra a tamanha influência que a interpretação alegórica da Bíblia exerceu sobre a Antiguidade, inclusive sobre aqueles que, como Cirilo de Jerusalém, tendiam a interpretá-la de modo mais literal.

<sup>19</sup> DOCKERY, 2004, p.122. McGrath define o sentido anagógico de interpretação bíblica Agostiniana em termos escatológicos como "aquilo que os cristãos deviam esperar" para o futuro. (Cf. MCGRATH, 2011, p.132).

<sup>20</sup> KELLY, 2001, p.53.

<sup>21</sup> YARNOLD, 2000, p.56.

## 2.5. Hipólito de Roma (170-236 d.C.)

Hipólito, em seu *Tratado Sobre Cristo e o Anticristo* 52-53 identifica os reis de Tiro e da Babilônia como segue:

[...] ele [o Anticristo] começará a se apresentar como Deus, como Ezequiel predisse: "Porque o seu coração elevou-se, e você disse, eu sou Deus" (Ezequiel 28:2). E Isaías também: "Você disse em seu coração, eu subirei ao céu, Eu estabalecerei o meu trono acima das estrelas dos céus. Eu serei como o Altíssimo. Mas agora você será derrubado ao inferno (Hades), para os fundamentos da terra" (Isaías 14:13-15). Semelhantemente também Ezequiel: "Você ainda irá dizer para aqueles que te destruíram, eu sou Deus? Mas tu és homem, e não Deus" (Ezequiel 28:9). (PATMORE, 2012, pp.58-59).

O Anticristo, que segundo a concepção cristã tradicional é "um indivíduo mal da escatologia apocalíptica que surgirá nos últimos dias como um oponente de Cristo",<sup>22</sup> seria, de acordo com Hipólito, um imperador romano.<sup>23</sup> Assim, Hipólito diverge da opinião de seus predecessores, ao associar os reis da Babilônia (de Isaías 14:12-15) e de Tiro (de Ezequiel 28:11-19) a um ser humano e não a um ser angelical.

## 2.6. Jerônimo (347-420 d.C.)

Por fim, Jerônimo, ao verter Isaías 14:12 do hebraico para o latim, nos apresenta aquela que é a tradução mais famosa e controversa de Isaías 14:12:

Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã! Como foste lançado por terra, tu que enfraquecias as nações! (JÂNOS II, 1979).

Aqui, Jerônimo traduziu o substantivo hebraico *hêlêl*, "brilhante",<sup>24</sup> pelo latim *lucifer*, derivado de *lux*, *lucis*, "luz" e *fero*, de *ferre*, "trazer", ou seja, "aquele que traz a luz".<sup>25</sup> Na Vulgata, esse termo que aparece ali ao todo cinco vezes nunca é utilizado para referir-se a um "ser angelical", mas quase sempre a "astros luminosos da esfera celeste". Vejamos as referências bíblicas a esse respeito:

<sup>22</sup> REDDISH, Mitchell G. *Antichrist*. In: MILLS, 1990, p.34.

<sup>23</sup> VAN PEURSEN & DYK, 2011, p.201.

<sup>24</sup> BROWN, DRIVER & BRIGGS, 1951, p.237.

<sup>25</sup> BUENO, 1966, p.2226.

(1) Jó 11:17: (heb.) *bôqer*, "manhã"; (lat.) *lucifer*, "estrela da manhã"; (2) Jó 38:32: (heb.) *mazzârôt*, "constelações"; (lat.) *luciferum*, "constelações do zodíaco"; (3) Salmo 110:3: (heb.) *mishhâr*, "alvorada"; Salmo 109:3: (lat.) *luciferum*, "estrela da manhã"; (4) Isaías 14:12: (heb.) *hêlêl*, "brilhante"; (lat.) *lucifer*, "estrela da manhã"; e (5) 2 Pedro 1:19: (gr.) *phôsphóros*, "estrela d'alva"; (lat.) *lucifer*, "estrela d'alva". Neste último caso, o termo *lucifer* é utilizado para referir-se a Jesus.<sup>26</sup> Contudo, deve-se notar que o termo latino *lucifer* não é um substantivo que designa um nome próprio ou mitológico de *alguém*, mas sim um termo que designa *algo*, um astro luminoso.<sup>27</sup> Sendo assim, o anjo do mal conhecido como Satanás jamais poderia estar associado a *lucifer* em Isaías 14:12.

Em seguida, apresentaremos os textos de Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19 que nos foram transmitidos pela tradição massorética, tais como encontrados na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*,<sup>28</sup> e, depois disso, forneceremos também as nossas respectivas traduções e interpretações dessas passagens bíblicas.

### 3. O TEXTO MASSORÉTICO DE ISAÍAS 14:12-15, SUA TRADUÇÃO E ANÁLISE

#### Isaías 14:12-15 (TM<sup>29</sup> Transliterado)

<sup>12</sup> 'êkh nâpaltâ mishshamayim hêlêl ben-shâhar nigda'tâ lâ'ârets hûlêsh 'al-gôyim <sup>13</sup> w'e'atâh 'âmartâ bilbâbkhâ hashshamayim 'e'eleh mimma'al l'khokhvê-êl 'ârîm kis'î w'e'êshêb b'har-mô'êd b'yark<sup>etê</sup> tsâphôn <sup>14</sup> 'e'eleh 'al-bâmôtê 'âb 'eddamme l'e'elyôn <sup>15</sup> 'akh 'el-sh'ôl tûrâd 'el-yark<sup>etê</sup>-bôr

#### Isaías 14:12-15 (Tradução)

<sup>12</sup> Como caíste dos céus, ó brilhante, filho da Alvorada! Foste cortado para a terra o que enfraquecia os povos! <sup>13</sup> E tu dizias em teu coração: "subirei aos céus, acima das estrelas de El exaltarei o meu trono e me assentarei no monte da assembleia, ao lado do norte;<sup>14</sup> Subirei acima das nuvens; serei como o Altíssimo".<sup>15</sup> Contudo, ao she'ôl serás rebaixado, às partes extremas da cova.

#### 3.1. Contexto de Isaías 14:12-15

<sup>26</sup> NEYREY, 1993, p.183.

<sup>27</sup> Tauchnitz omite o nome de *lucifer* de sua lista de nomes próprios históricos e mitológicos em latim, simplesmente por entender que esse vocábulo não é o nome próprio de alguém. (Cf. TAUCHNITZ, 1910, p.120,165-176).

<sup>28</sup> ELLIGER & RUDOLPH, 1997.

<sup>29</sup> Texto Massorético.

O texto de Isaías 14:12-15 está situado no bloco literário mais amplo de Isaías 14:4-21, que apresenta "uma magnífica sátira em forma de elegia a um rei anônimo".<sup>30</sup> Este bloco, por sua vez, pertence a uma seção ainda maior de Isaías que vai dos capítulos 13 ao 23, a qual é tradicionalmente conhecida como "oráculos contra as nações".<sup>31</sup> Nesta seção encontramos oráculos ou pronunciamentos contra os seguintes povos: Babilônia (13:1-14:23), Assíria (14:24-27), Filístia (14:28-32), Moabe (Capítulos 15-16), Damasco e Efraim (17:1-11), Assíria (17:12-14), Etiópia (Capítulo 18), Egito (19:1-17), Egito e Etiópia (20:1-6), Babilônia (21:1-10), Edom (21:11-12), Arábia (21:13-17), Jerusalém (22:1-14), Shevna (22:15-25) e Tiro (Capítulo 23).<sup>32</sup>

A passagem ora em estudo começa em Isaías 14:4b, em que ocorre introdutoriamente a partícula de interjeição "como" (*'êkh*), a qual se repetirá em 14:12. Todo o bloco de Isaías 14:4-21 faz parte de um "dito", "provérbio" ou "cântico zombeteiro" (*mâshâl*)<sup>33</sup> que é pronunciado contra o tirano "rei da Babilônia" (*melekh babel*, cf. Isaías 14:4a), cuja queda descreve metonimicamente a queda da própria Babilônia (cf. Isaías 13:1,19-20). A notícia da queda/morte desse rei "opressor" (*nôgês*, lit. "aquele que oprime", cf. 14:4b) é recebida pelos que foram por ele oprimidos de várias formas: (a) Toda a terra passa a repousar tranquila e irrompe em alegria (14:7); (b) Os cedros e os ciprestes do Líbano estão felizes porque não serão mais cortados, aludindo ao fim da exploração das riquezas sofrida pelos países dominados (14:8);<sup>34</sup> (c) O "mundo dos mortos" (*sh'ôl*) e os seus habitantes, os "espíritos dos mortos" (*re'pâ'im*),<sup>35</sup> incluindo "todos os reis dos povos" (*kôl malkhê gôyim*) que haviam governado suas nações em vida ficam perturbados e admirados ao saberem

<sup>30</sup> ALTER & KERMODE, 1987, p.188.

<sup>31</sup> DOORLY, 1992, p.87.

<sup>32</sup> O oráculo pronunciado contra Shevna constitui-se uma exceção em meio aos vários oráculos pronunciados contra muitas nações, pois Shevna é o nome de um homem e não de um povo (Cf. Isaías 22:15-17).

<sup>33</sup> HOLLADAY, 1988, p.219-220.

<sup>34</sup> CROATTO, 1989, p.104. Uma inscrição em argila que relata a fundação do templo das divindades Anu-Adad, em Ashur, ecoa Isaías 14:8 ao apresentar a seguinte declaração atribuída a Tiglate-Pileser I (1114-1076 a.C.) durante a sua expedição ao Líbano: "Eu fui ao Líbano (*Lab-na-a-ni*). Eu cortei (ali) madeira de cedro para o templo de Anu e Adad, os grandes deuses, meus senhores, e levei (-os a Ashur)". (Cf. PRITCHARD, 1955, p.275).

<sup>35</sup> VAILATTI, 2011, p.71.

que o seu antigo opressor agora lhes fará companhia no submundo (14:9). Diante desse cenário *sui generis*, todo o *sh'e'ôl* personificado proclama a humilhação a que é submetido o rei da Babilônia, que é retratado despojado de todo seu poder e esplendor (14:10-11a). Aquele que outrora vivia esplendidamente, passa a experimentar no *sh'e'ôl* extrema miséria, pois "gusanos agora formam a sua cama, e vermes a sua coberta" (14:11b).<sup>36</sup> Por último, (d) os vivos, ao saberem do destino ignominioso do rei babilônico, tratam-no com desdém (14:16-17). A parte final do *mâshâl* (14:18-20) descreve o último golpe desferido contra o arrogante rei babilônico. Ele teria uma morte desonrada. Seu corpo ficaria insepulto (14:19-20a)<sup>37</sup> e sua descendência seria esquecida (14:20b).

Após estas breves informações preliminares, lancemos então um olhar mais detido sobre a passagem bíblica de Isaías 14:12-15.

### 3.2. Análise de Isaías 14:12-15

[14:12] *Como caíste dos céus, ó brilhante, filho da Alvorada! Foste cortado para a terra o que enfraquecia os povos!* A "queda" do déspota babilônico retratada na expressão "como caíste dos céus!" (*'êkh nâpaltâ mishshâmayim*) ecoa de forma intensificada o pensamento apresentado anteriormente em 14:8, "desde que tombaste" (*mê'âz shâkhaptâ*). Já o termo "brilhante" (*hêlêl*), presente no título "brilhante, filho da Alvorada" (*hêlêl ben-shâhar*) - termo derivado do verbo *hâlal*, "ser brilhante, brilhar"<sup>38</sup> - aparece algumas vezes nos textos ugaríticos, particularmente no *Ciclo de Baal*, como complemento de Athtar, nome de uma divindade astral, filho de El, o deus supremo do panteão cananeu. Esse trecho do *Ciclo de Baal* é especialmente interessante devido às suas semelhanças com Isaías 14:12a: "Athtar, o brilhante, caiu / Ele caiu do trono do valoroso Baal" (*KTU 1:6:60*).<sup>39</sup> Além disso, o rei babilônico, mitologicamente denominado

<sup>36</sup> RIDDERBOS, 1995, p.148.

<sup>37</sup> Segundo o *Épico de Gilgamesh*, o morto que não fosse sepultado não teria descanso na vida além. (Cf. WALTON, MATTHEWS & CHAVALLAS, 2003, p.625).

<sup>38</sup> FEYERABEND, 2012, p.78.

<sup>39</sup> WYATT, 2002, p.132. A sigla KTU é oriunda da expressão alemã "Die Keilalphabetische Texte aus Ugarit", isto é, "Os Textos Alfabéticos Cuneiformes de Ugarite", que é o nome dado

*hêlêl*, é retratado ainda em termos mitológicos como possuindo uma filiação divina, conhecido como "filho da Alvorada" (*ben-shâhar*). Na mitologia ugarítica, ouvimos falar sobre as divindades gêmeas *Shâhar* (a divindade do amanhecer) e *Shalem* (a divindade do pôr-do-sol), as quais são vistas como uma referência ao início e ao fim do dia.<sup>40</sup> Portanto, a sentença de Isaías 14:12a está repleta de traços irônicos e mitológicos, pois o rei babilônico que é comparado a uma brilhante divindade astral, devido à sua soberba (cf. Isaías 14:11) vê o seu "brilho" apagado, sendo deposto de seu ambicionado lugar nos céus.<sup>41</sup> Já a segunda parte do versículo, *Foste cortado para a terra o que enfraquecia os povos!* (Isaías 14:12b) reproduz de certa forma 14:12a, de modo que a associação estabelecida entre o declínio do rei babilônico e a queda deste misterioso personagem, filho de *Shâhar*, pode sugerir que na história da transmissão de Isaías 14:12-15 talvez tenha havido um poema original sobre a queda de um rei que, ao entrar em contato com a tradição mitológica cananita, transferiu o destino desse monarca desconhecido para o destino de um rei da Babilônia. A sua ruína, portanto, foi explicada por meio do mito de *Hêlêl*, o filho da Alvorada.<sup>42</sup>

Saber exatamente *quem* foi esse rei tem sido o objetivo de vários estudiosos ao longo dos tempos, os quais, entretanto, não têm conseguido chegar a um consenso sobre a sua identidade em razão do próprio texto bíblico mantê-lo em anonimato. Porém, algumas sugestões têm sido apresentadas na tentativa de descobrir quem foi esse rei. Entre elas, mencionamos as seguintes: Nabucodonosor, Nabonido, Merodaque-Baladã, Tiglate-Pileser III, Sargão II, "uma representação simbólica de cada tirano do passado, em vez de um rei

---

ao sistema de referência padrão para os textos escritos em língua ugarítica. A sigla equivalente em inglês é CAT, "The Cuneiform Alphabetic Texts from Ugarit".

<sup>40</sup> COULTER & TURNER, 2000 p.514.

<sup>41</sup> Segundo Craigie, *hêlêl* tem sido comparado principalmente a personagens das mitologias ugarítica, babilônica e grega. Na mitologia ugarítica, *hêlêl* é associado ao deus cananeu Athtar, que, por não poder substituir Baal em seu trono nas alturas do monte Tsafon, acaba descendo e se tornando rei sobre a terra ou sobre o submundo. Na mitologia babilônica, *hêlêl* é identificado com o deus do submundo, Nergal. E, por fim, na mitologia grega, *hêlêl* tem sido relacionado a Faeton, filho de Eos, deusa da Alvorada. (Cf. CRAIGIE, 1973, p.223-225). *Hêlêl* também tem sido identificado com o planeta Vênus (Cf. OSVALT, 1986, p.321).

<sup>42</sup> TOORN, BECKING & HORST, 1999, p.393.

específico",<sup>43</sup> Satanás,<sup>44</sup> o rei de Tiro e Satanás simultaneamente,<sup>45</sup> um ser divino mitológico caído dos céus,<sup>46</sup> ou ainda, o Anticristo.<sup>47</sup> Em nosso ponto de vista, de acordo com os dados fornecidos pelo próprio texto de Isaías 14:12-15 e seu contexto mais amplo, parece mais razoável interpretar essa passagem como um trecho de um oráculo pronunciado contra um rei anônimo da Babilônia, o qual possui "uma linguagem mitológica impressionante".<sup>48</sup>

[14:13] *E tu dizias em teu coração: "subirei aos céus, acima das estrelas de El exaltarei o meu trono e me assentarei no monte da assembleia, ao lado do norte".* Este versículo mostra o comportamento megalomaniaco do rei babilônico, que, mesmo sendo um mero mortal, aspira se igualar às divindades pagãs. A expressão "estrelas de El" (*kokhvê-'êl*) preserva semelhanças com um trecho de um texto mitológico ugarítico sobre *Baal, a Novilha e Anat*, que declara: "que os filhos de El, de fato, conhecem / a assembleia das estrelas" (*KTU 1:10:3-4*).<sup>49</sup> Aqui, como podemos perceber, as "estrelas" aparecem como membros do divino panteão em Ugarite, sendo chamadas de "filhos de El". Na Bíblia Hebraica, contudo, as estrelas são retratadas às vezes como anjos (cf. Jó 38:7). A frase "no monte da assembleia" (*b<sup>e</sup>har-mô'êd*), que o rei babilônico diz estar "acima das estrelas de El" foi corrigida por Ginsberg para *paḥar mo'ed* ("reunião da assembleia") tendo como base o ugarítico *phr m'd*, expressão usada para descrever a divina assembleia.<sup>50</sup> No que diz respeito à frase final do versículo, "ao lado do norte" (*b<sup>e</sup>yark<sup>e</sup>tê tsâphôn*), chama a nossa atenção o fato do termo *tsâphôn*, traduzido aqui como "norte", ser uma referência ao monte Safon (também conhecido como monte Cásio), atual Djebel el-Aqra' (com 1770 metros de altitude) o qual estava situado a cerca de 40 km ao norte da cidade de Ugarite, na Síria.<sup>51</sup> O monte Safon era considerado a morada de

<sup>43</sup> Todas estas sugestões são mencionadas em: SMITH, 2007, p.310. Apesar de serem assírios, Tiglate-Pileser III e Sargão II teriam reivindicado para si o título de "reis da Babilônia".

<sup>44</sup> BAILEY, JR., 2008, p.68.

<sup>45</sup> WALVOORD, 1997, p.63.

<sup>46</sup> SHIPP, 2003, p.12.

<sup>47</sup> DELITZSCH, 1949, p.312.

<sup>48</sup> SKEGGS, Andrew. *Where Did Satan Come From?* In: COLE & PETERSEN, 2014, p.242.

<sup>49</sup> WYATT, 2002, p.155.

<sup>50</sup> GINSBERG, H. L. *Isaiah in the Light of History*. In: FISHBANE, 2004, p.71, nota12.

<sup>51</sup> LIPINSKI, 1995, p.245.

El e Baal, assim como um lugar de encontro para a assembleia dos deuses.<sup>52</sup> Um trecho do *Ciclo de Baal*, em ugarítico, demonstra isso: *apnk 'tir 'rz y' l bsrrt spn ytb lkht aliyn b'l*, "Então, Athtar, o terrível, subiu às partes extremas de Tsaphon, ele se assentou no trono do valoroso Baal".<sup>53</sup> O ugarítico *bsrrt spn* ("nas partes extremas de Tsaphon") é equivalente ao hebraico *beyarkê tsâphôn*, ("ao lado do norte"/ "às extremidades de Safon") de Isaías 14:13.

[14:14] *Subirei acima das nuvens; serei como o Altíssimo*. Nos escritos ugaríticos Baal é retratado várias vezes como *'rpt* "cavaleiro da nuvem".<sup>54</sup> Entretanto, a compreensão de que as nuvens (ou os céus) eram "locais" ou "veículos" da divindade não é um pensamento exclusivo da mitologia cananita, pois o próprio YHWH é descrito na Bíblia Hebraica como aquele "que cavalga sobre os céus [...] sobre as mais altas nuvens" (Deuteronômio 34:26. Veja também: Salmo 18:11; 68:4,34; 104:3 e Isaías 19:1). Na frase "serei como o Altíssimo" (*'eddammeḥ l'elyôn*) tem sido bastante debatida a possibilidade do epíteto divino *'elyôn* se referir a YHWH ou a uma divindade cananita. Em vista de tudo o que já discutimos até o momento, somos propensos a adotar esta última hipótese e a concordar com a opinião de que "Isaías 14 parece refletir um antigo mito cananita de uma revolta contra este deus e o destronamento de *'êl 'elyôn*".<sup>55</sup> Então, na descrição mitológica de Isaías 14:12-15, o rei babilônico, na tentativa de se autodivinar, busca usurpar o trono de *'êl* (14:13) adjetivado em seguida como *'elyôn* (14:14).

[14:15] *Contudo, ao she'ôl serás rebaixado, às partes extremas da cova*. Neste versículo nota-se um paralelismo sinonímico de ideias, em que o *she'ôl* ("mundo dos mortos") do v.15a corresponde a *bôr*, ("cova"), do v.15b. Assim, vemos que "o aspirante a 'estrela do dia' é trazido para baixo (um deliberado

<sup>52</sup> COTERELL, 1989, p.18.

<sup>53</sup> BARRICK, 2008, p.110, nota18. Tem sido muito discutido se o termo ugarítico *'rz* significa "o terrível", "o tirano" ou "o brilhante". (ARNOLD & WILLIAMSON, 2005, p.136). Seguimos aqui Wyatt, que verte *'rz* como "brilhante": "Então, Athtar, o brilhante, subiu às extremidades de Tsafon; Ele se assentou no trono do valoroso Baal" (*KTU* 1.6:56-58). (Cf. WYATT, 2002, p.132). Essa mesma posição também é encontrada em: DIETRICH & LORETZ, 1995, p.231.

<sup>54</sup> BOTTERWECK & RINGGREN, 2004, p.488.

<sup>55</sup> BOTTERWECK & RINGGREN, 2001, p.125. Além do epíteto *'êl 'elyôn* se referir a YHWH, ele também é "um título apropriado para a divindade maior do panteão cananita ('El, o mais elevado')". (Cf. FREEDMAN, 2000, p.515).

contraste com os vv.13-14), tão baixo que termina no Sheol, lugar de absoluta impotência".<sup>56</sup>

Em nossa breve abordagem sobre Isaías 14:12-15 pudemos perceber que o texto bíblico em momento algum faz qualquer alusão a um anjo anteriormente bom que, ao pecar, se transforma posteriormente em um anjo mal, Satanás, como defendido por um segmento da tradição cristã. Na verdade, o propósito dessa passagem é descrever em colorido tom mitológico a queda de um rei babilônico anônimo devido à sua "soberba" (*gâ'ôn*, cf. Isaías 14:11), sentimento este que o acompanha em sua busca pela autodivinização.

#### 4. O TEXTO MASSORÉTICO DE EZEQUIEL 28:11-19, SUA TRADUÇÃO E ANÁLISE

##### Ezequiel 28:11-19 (TM Transliterado)

<sup>11</sup> way<sup>e</sup>hî d<sup>e</sup>bar-adônây 'êlay lê'môr <sup>12</sup> ben-'âdâm sâ' qînâh 'al-melek tsôr w<sup>e</sup>âmartâ llô kôh 'âmar adônây 'elôhîm 'attâh hôtêm tôkhnîl mâlê' hôkhmâh ûkh<sup>e</sup>lîl yôpî <sup>13</sup> b<sup>e</sup>êden gan-'elôhîm hâyîta kôl-'eben y<sup>e</sup>qârâh m<sup>e</sup>sukhâtekâ 'ôdem pîtdâh w<sup>e</sup>yâhalôm tarshish shôham w<sup>e</sup>yôshpêh sappîr nôpekâ ûbôrqat w<sup>e</sup>zâhâb m<sup>e</sup>le'khet tuppeykâ ûn<sup>e</sup>qâbeykhâ bâkh b<sup>e</sup>yôm hibbâra'akha kônânû <sup>14</sup> 'att-k<sup>e</sup>rûb mimshâh hassôkhêkh ûn<sup>e</sup>tattîkhâ b<sup>e</sup>har qôdesh 'elôhîm hâyîta b<sup>e</sup>tôkh 'abnê-êsh hithallâkhtâ <sup>15</sup> tâmîm 'attâh bidrâkheykhâ miyyôm hibbâr'âkh 'ad-nimtsâ' 'awlâtâh bâkh <sup>16</sup> b<sup>e</sup>rôb r<sup>e</sup>khullâtikhâ mâlû tôkh<sup>e</sup>kha hâmas wattêhetâ' wâ'e<sup>e</sup>hallelkhâ mêhar 'elôhîm wâ'abbedkhâ k<sup>e</sup>rûb hassôkhêkh mittôkh 'abnê-êsh <sup>17</sup> gâbah lib<sup>e</sup>khâ b<sup>e</sup>yôpyekhâ shihattâ khôkhmâtikhâ 'al-yip'âtekhâ 'al-'erets hishlakhtîkhâ lipnê m<sup>e</sup>lâkhîm n<sup>e</sup>tattîkhâ l<sup>e</sup>ra'awâh bâkh <sup>18</sup> mērôb 'awôneykhâ b<sup>e</sup>ewel r<sup>e</sup>khullâtikhâ hillaltâ miqdâsheikhâ wâ'ôtsi'-êsh mittôkh<sup>e</sup>kha hî' 'akhâlatkhâ wâ'ettenkhâ l<sup>e</sup>êper 'al-hâ'ârets l<sup>e</sup>ênê kôl-rô'eykhâ <sup>19</sup> kôl-yôd'eykhâ bâ'ammîm shâm<sup>e</sup>mû âleykhâ ballâhôt hâyîta w<sup>e</sup>ênkhâ 'ad-

##### Ezequiel 28:11-19 (Tradução)

<sup>11</sup> E veio a palavra do Senhor a mim, dizendo: <sup>12</sup> Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro e dize a ele: Assim diz o Senhor Deus: Tu és o selo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em beleza. <sup>13</sup> No Éden, jardim de Deus, estavas; toda pedra preciosa era tua cobertura: rubi, topázio, diamante, crisólito, ônix, jaspe, safira, turquesa, esmeralda e ouro. A obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia [em que] foste criado foram preparados. <sup>14</sup> Tu eras querubim, o que cobria com as asas estendidas, e eu te coloquei no monte sagrado dos deuses, [onde] estavas. Em meio às pedras de fogo andavas de um lado para o outro. <sup>15</sup> Perfeito eras em teus caminhos desde o dia em que foste criado, até que foi encontrada injustiça em ti. <sup>16</sup> Pela abundância do teu comércio se encheram o teu interior de violência e pecaste; E te profanaste, desde o monte dos deuses, e te destruí, ó querubim, o que cobria [com as asas estendidas], em meio às pedras de fogo. <sup>17</sup> Se elevou o teu coração pela tua beleza; arruinaste a tua sabedoria devido ao teu resplendor. Sobre o solo eu

<sup>56</sup> BRUEGGEMANN, 1998, p.130.

'ôlâm.

te lancei, diante das faces dos reis te pus para que olhem em ti.<sup>18</sup> Por causa da abundância das tuas iniquidades na injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários. Então, eu trouxe uma chama do meio de ti, ela te devorou e te coloquei em cinzas sobre o solo, aos olhos de todos os que te veem.<sup>19</sup> Todos os que te conhecem entre os povos estarão desolados sobre ti, terrores terás e nada serás para sempre.

#### 4.1. Contexto de Ezequiel 28:11-19

A passagem bíblica de Ezequiel 28:11-19, que fala acerca do lamento sobre o rei de Tiro é antecedida por 28:1-10, apresenta preliminarmente uma profecia ou oráculo contra este mesmo personagem. Ambas as passagens compõem o bloco literário mais abrangente de Ezequiel 28:1-19. Contudo, em nosso estudo daremos atenção especial a Ezequiel 28:11-19, texto que apresenta "um protótipo mais antigo, mais mitológico da história do Jardim [do Éden]".<sup>57</sup> E este trecho da Bíblia, por sua vez, está situado no contexto de uma seção ainda maior de Ezequiel que compreende os capítulos 25 ao 32, os quais, à semelhança dos capítulos 13 ao 23 de Isaías, também são denominados "oráculos contra as nações".<sup>58</sup> Nesta seção mais ampla de Ezequiel observamos oráculos ou pronunciamentos contra os seguintes povos: Amom (25:1-7), Moabe (25:8-11), Edom (25:12-14), Filístia (25:15-17), Tiro (26:1-28:19), Sidom (28:20-26) e Egito (29:1-32:32).

A perícopes de Ezequiel 28:11-19 que analisaremos tem o seu início em Ezequiel 28:1 com a "palavra do Senhor" (*d<sup>e</sup>bar-'adônây*) que deveria ser transmitida pelo profeta Ezequiel. Tal pronunciamento de juízo deveria ser dito ao "príncipe de Tiro" (*nâgîd tsôr*, cf. 28:2), expressão sinônima a "rei de Tiro" (*melekh tsôr*, cf. 28:12). Desse modo, não há razão para assumir que duas pessoas diferentes sejam pretendidas aqui.<sup>59</sup> Esse dirigente de Tiro, assim

<sup>57</sup> ALTER & KERMODE, 1987, p.218. Os acréscimos entre colchetes são nossos.

<sup>58</sup> OLLEY, 2009, p.409.

<sup>59</sup> ALEXANDER, 1976, p.88. Os termos "príncipe" e "rei" são empregados muitas vezes de forma intercambiável na Bíblia Hebraica para referir-se ao governante do povo. Isso pode ser verificado na pessoa de Davi, que é chamado intercambiavelmente de *nâgîd* (1 Samuel 9:16;

como o rei babilônico em Isaías 14:12-15, ambicionou o status de divindade, o que pode ser visto na seguinte declaração a ele atribuída em 28:2: "eu sou um deus, na assembleia dos deuses me assento, no coração das águas" (*'êl 'ânî mōshabû 'elôhîm yāshabû b'êlê yammîm*). A expressão *mōshabû 'elôhîm* ("assembleia dos deuses") se refere à "morada de um deus".<sup>60</sup> Nas fontes ugaríticas, a morada (*mtb*) de El era "no meio das nascentes dos dois mares" (*KTU 1:4:22*).<sup>61</sup> Entretanto, é possível também que a menção feita ao "assento do rei de Tiro no coração das águas" se refira à sua hegemonia nas relações comerciais marítimas (cf. Ezequiel 26:17, 27:3,25). De qualquer modo, YHWH lembra ao rei de Tiro sua verdadeira natureza, humana, e não divina: "mas tu és homem, e não um deus" (*w'e'attâh 'âdâm w'êlô-'êl*). A despeito do aviso divino, o dignitário de Tiro, por ser sábio, poderoso e bem-sucedido em suas relações comerciais, se ensoberbeceu (28:3-5), chegando ao ponto de se ver como uma divindade (28:6). Tal comportamento ocasionou a sua ruína, pois YHWH promete destruí-lo pelas espadas de estrangeiros (uma referência à conquista de Tiro por Nabucodonosor - compare 28:7 com 26:7) e ele morreria no mesmo lugar onde considerava que tivesse assento, na assembleia dos deuses "no coração dos mares" (*b'êlê yammîm* - cf. 28:2,8). Ao final desta primeira seção de Ezequiel 28, YHWH recorda ao rei de Tiro a sua verdadeira identidade, repetindo-lhe o enunciado de 28:2: "mas tu és homem, e não um deus" (*w'e'attâh 'âdâm w'êlô-'êl*, cf. 28:9) e, por último, também reitera que a sua morte se daria pelas mãos de estrangeiros e ainda acrescenta que ele morreria como um incircunciso (28:10).

Depois destes breves dados introdutórios, vejamos de forma mais pormenorizada a passagem bíblica de Ezequiel 28:11-19.

#### 4.2. Análise de Ezequiel 28:11-19

---

10:1; 2 Samuel 7:8) e *melekh* (1 Samuel 15:17). Aliás, esse mesmo pensamento também ocorre no próprio *corpus* de Ezequiel, em 7:27; 28:2,12; 30:13,21-22 e 37:24-25.

<sup>60</sup> FISHBANE, 2004, p.87, nota 61.

<sup>61</sup> WYATT, 2002, p.99.

[28:12a] *Filho do homem, levanta uma lamentação contra o rei de Tiro [...].* O substantivo *qînâh* significa "cântico fúnebre", "lamentação"<sup>62</sup> (cf. 26:17; 27:2,32). A *qînâh*, como gênero literário, normalmente é caracterizada por alguns elementos fixos: (1) Geralmente, a duração dessa lamentação é curta; (2) O falecido é abordado diretamente; (3) A causa de sua morte é registrada; (4) Sua vida é elogiada; (5) Sua morte é lamentada; e (6) A audiência é convocada a chorar e lamentar.<sup>63</sup> Todos estes elementos podem ser notados de algum modo em Ezequiel 28:11-19. Quanto à identidade do rei de Tiro, o texto bíblico a mantém em sigilo. Contudo, tem sido sugerido que esse rei foi Etbaal III, que governou de 591/590 a 573/572 a.C.<sup>64</sup> Outros, porém, o identificam com Etbaal II, cujo governo sobre Tiro se deu entre 887 a 856 a.C.<sup>65</sup> Entretanto, como o conquistador de Tiro foi Nabucodonosor (cf. Ezequiel 26:7), logo, Etbaal III parece se encaixar melhor no relato bíblico.

[28:12b] *Assim diz o Senhor Deus: Tu és o selo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em beleza.* Neste trecho, três características do regente de Tiro são destacadas de forma irônica: Sua perfeição, sabedoria e beleza. A expressão *hôtêm tôkhnît* possivelmente significa "selo feito de forma elaborada",<sup>66</sup> de onde advém a ideia de um "selo perfeito" ou "selo da perfeição". Sabe-se que reis assírios recebiam os títulos de "homem perfeito" e "rei perfeito" e, no referido trecho, o rei tirense é assemelhado a um "selo finamente entalhado".<sup>67</sup> A sua sabedoria (*hokhmâh*) que também é elogiada tem relação com a sua capacidade de ser bem-sucedido nas transações comerciais (cf. 28:4-5). Finalmente, o adjetivo "e perfeito em beleza" (*ûkhêlîl yôpî*) também é usado sarcasticamente a respeito do rei, uma vez que este representava individualmente os sentimentos de orgulho e vaidade coletivos de sua própria cidade-nação, já denunciados anteriormente por YHWH: "Ó Tiro, tu dizes: 'Eu sou perfeita em formosura!'" (27:3). Assim, o orgulho e a vaidade de Tiro são retratados de forma metonímica na figura de seu rei.

<sup>62</sup> GESENIUS, 1979, p.731.

<sup>63</sup> BECKING & DIJKSTRA, 1996, p.22.

<sup>64</sup> WALVOORD & ZUCK, 1983, p.1282.

<sup>65</sup> PATMORE, 2012, p.4.

<sup>66</sup> KOEHLER & BAUMGARTNER, 2001, p.300.

<sup>67</sup> Cf. WALTON, MATTHEWS & CHAVALAS, 2003, p.736.

[28:13a] *No Éden, jardim de Deus, estavas*. Esta frase curta tem recebido três interpretações principais: (1) Trata-se de uma releitura da queda de Adão no Éden, na qual "o rei de Tiro é retratado como o primeiro homem, vivendo 'sem culpa' no Éden até o pecado conduzir à sua expulsão e ruína".<sup>68</sup> (2) É uma referência à presença de Satanás no Éden, "quem estava por trás das ações, pensamentos e motivações do rei de Tiro",<sup>69</sup> provocando-lhe a queda, assim como esteve também por trás da queda do primeiro homem no Jardim do Éden (cf. Gênesis 3:1-5,14-15; Apocalipse 12:9); (3) O Éden mencionado nesta frase é uma descrição metafórica do templo de Melqart, principal divindade de Tiro, com quem o rei de Tiro buscava igualar-se.<sup>70</sup> (4) Finalmente, nós propomos uma quarta interpretação, segundo a qual o Éden mencionado talvez se refira ao Éden alistado junto com Harã e Calné, três cidades da Síria (cf. 27:23)<sup>71</sup> com as quais Tiro negociava mercadorias. Como o pecado do rei de Tiro (e da própria cidade) envolve seus relacionamentos comerciais (cf. 28:16,18), então essa hipótese se adéqua bem ao contexto mais amplo de Ezequiel 28.

[28:13b] [...] *toda pedra preciosa era tua cobertura: rubi, topázio, diamante, crisólito, ônix, jaspe, safira, turquesa, esmeralda e ouro*. Tais pedras preciosas eram resultado das negociações comerciais entre Tiro e vários outros povos, como pode-se constatar em Ezequiel 27. Neste Capítulo são mencionadas, por exemplo, a prata (27:12), a esmeralda (27:16), o ouro (27:22) e o jacinto (27:24). Além disso, a descrição do rei de Tiro como alguém "coberto" por pedras preciosas é facilmente compreendida à luz do contexto do Antigo Oriente Médio onde, sabe-se, turbantes engastados com pedras preciosas cobriam as cabeças dos reis e peitorais enfeitados com joias adornavam seus corpos.<sup>72</sup> Portanto, neste versículo "as pedras preciosas funcionam como

<sup>68</sup> CARLEY, 1974, p.191. Essa interpretação encontra apoio no fato de o rei de Tiro ser chamado duas vezes sugestivamente de *'ādām* (cf. 28:2,9) - em vez de *'īsh* - termo este ambíguo que tanto pode significar "ser humano" quanto pode ser também uma referência ao primeiro homem (cf. Gênesis 2-3). Neste caso, Ezequiel estaria fazendo uso de um trocadilho como sofisticado recurso simbólico a fim de estabelecer uma ligação entre o rei de Tiro e *'ādām*.

<sup>69</sup> ALEXANDER, 1976, p.88.

<sup>70</sup> SMITH, 1979, p.296.

<sup>71</sup> BERLIN, BRETTLER & FISHBANE, 1999, p.1094.

<sup>72</sup> WALTON, MATTHEWS & CHAVALAS, 2003, p.736.

enfeites para as vestimentas do rei, análogas às joias que adornam o peitoral do sumo sacerdote de Israel".<sup>73</sup>

[28:13c] (...) *A obra dos teus tambores e dos teus pífaros estava em ti; no dia [em que] foste criado foram preparados.* Talvez a referência feita neste trecho a instrumentos musicais aluda ao dia em que o "deus-rei" de Tiro subiu ao trono, ocasião celebrada com muita música.<sup>74</sup> Seja como for, a expressão "foste criado" (*hibbâra'akha*) aponta para o fato de que o rei de Tiro, longe de ser uma divindade, como ele mesmo se autoproclamava (cf. 28:2,6,9), era, na verdade, "um produto da obra criadora de Deus".<sup>75</sup>

[28:14a] *Tu eras querubim, o que cobria com as asas estendidas [...].* Optamos por traduzir o *hapax legomenon mimshaḥ* como "com as asas estendidas", por compreendermos que este substantivo seja derivado da raiz *m-sh-ḥ*, significando "extensão",<sup>76</sup> e não "ungir". No Antigo Oriente Médio, querubins eram retratados como criaturas híbridas semelhantes a esfinges, tendo o corpo de um animal, asas e a cabeça de um ser humano.<sup>77</sup> Tais criaturas normalmente eram encontradas guardando as entradas dos templos pagãos. Por este motivo, o rei de Tiro é representado "guardando o seu paraíso, o jardim de seu deus, Melqart. Ele abriu suas asas sobre Tiro como o querubim que guardava a arca de Deus no tabernáculo e no templo".<sup>78</sup> Por outro lado, um segmento da tradição cristã viu neste "querubim" uma referência a um "anjo" originalmente bom que depois se tornou o anjo do mal, Satanás.<sup>79</sup>

[28:14b] [...] *e eu te coloquei no monte sagrado dos deuses, [onde] estavas.* A frase "no monte sagrados dos deuses" (*b'har qôdesh 'elôhîm*) lembra o Olimpo dos gregos e os Safon dos cananeus.<sup>80</sup> Além disso, esta também parece ser

<sup>73</sup> BLOCK, 1998, p.106.

<sup>74</sup> CHAMPLIN, 2001, p.3285.

<sup>75</sup> BLOCK, 1998, p.110.

<sup>76</sup> KOEHLER & BAUMGARTNER, 2001, p.596; BROWN, DRIVER & BRIGGS, 1951, p.603.

<sup>77</sup> Veja, por exemplo, a esfinge alada em marfim encontrada em Nimrud, Iraque, e datada entre os séculos VIII-VII a.C. (Cf. AUBET, 2001, p.150).

<sup>78</sup> SMITH, 1979, p.297.

<sup>79</sup> WALVOORD & ZUCK, 1983, p.1283.

<sup>80</sup> SCHÖKEL & DIAZ, 2002, p.812.

uma descrição geográfica da cidade de Tiro, que estava situada em uma ilha rochosa,<sup>81</sup> sendo uma fortaleza quase inexpugnável.<sup>82</sup>

[28:14c] *Em meio às pedras de fogo andavas de um lado para o outro.* Talvez a expressão "pedras de fogo" ('*abnê-êsh*), que se repete em 28:16, seja a expressão mais enigmática e aquela que mais recebeu significados distintos ao longo da história da interpretação bíblica de Ezequiel 28:11-19. Essa expressão foi entendida como: (1) Uma referência a "um mito cananita muito antigo, o do nascimento do 'querubim' perfeito a partir do fogo".<sup>83</sup> (2) Uma descrição mitológica dos "deuses-estrelas" que circundavam o monte de Baal, tal como visto na mitologia ugarítica.<sup>84</sup> (3) Uma alusão às "brasas de fogo dentre os querubins" (*gaḥalê-êsh mibbênôt lakkerubîm*) mencionadas em Ezequiel 10:2.<sup>85</sup> (4) Uma menção feita às pedras preciosas encontradas em 28:13.<sup>86</sup> (5) Uma identificação das divindades mitológicas que viviam no monte dos deuses, chamadas de "filhos do fogo".<sup>87</sup> (6) Uma descrição dos metais que eram fundidos e usados como material de construção para a mansão de Baal.<sup>88</sup> (7) Uma alusão à "lava" existente em um vulcão extinto, dentro do qual estaria situado o Jardim do Éden, a leste da região mesopotâmica.<sup>89</sup> (8) Por fim, sugerimos que a expressão '*abnê-êsh* ("pedras de fogo") talvez esteja se referindo à destruição da cidade de Tiro efetuada por Nabucodonosor no VI século a.C., ocasião em que o rei babilônico "queimou-a até ao chão".<sup>90</sup>

[28:15] *Perfeito eras em teus caminhos desde o dia em que foste criado, até que foi encontrada injustiça em ti.* Neste trecho, o rei de Tiro é descrito

<sup>81</sup> SMITH, 1979, p.297.

<sup>82</sup> CRAVEN, Tom. *Ezequiel*. In: BERGANT & KARRIS, 2001, p.79.

<sup>83</sup> AUBET, 2001, p.149. Esta autora ainda acrescenta: "A alusão ao querubim andando sobre o fogo sugere a imortalidade. Nos mitos orientais, o fogo, ou o rito da cremação, simboliza a pureza e a imortalidade. A este respeito, lembremo-nos da sarça ardente de Moisés que não se consumia, ou do mito coletado por Plutarco sobre Ísis queimando o filho do rei de Biblos todas as noites para torná-lo imortal". (Cf. *Ibidem*, p.149).

<sup>84</sup> EICHRODT, 1970, p.393. Segundo Gunkel, as "pedras de fogo" aludem mitologicamente às "estrelas dos céus". (Cf. GUNKEL, 1997, p.34).

<sup>85</sup> BODA & FLOYD, 2008, p.125.

<sup>86</sup> TAYLOR, 1984, p.177.

<sup>87</sup> Zimmerli propõe que a expressão '*abnê-êsh* ("pedras de fogo") seja corrigida para *bēnê-êsh* ("filhos do fogo"). (Cf. ZIMMERLI, 1983, p.93).

<sup>88</sup> POPE, 1955, pp.96-103.

<sup>89</sup> Esta explicação inusitada foi proposta por David Rohl. Citado por: LYLE, 2012, p.53.

<sup>90</sup> PHILLIPS, 2003, p.13.

novamente de forma satírica como "perfeito" (ou "completo", *tâmîm*), título que, como vimos, era auto-atribuído à cidade de Tiro: "Ó Tiro, tu dizes: 'Eu sou perfeita [...]!'" (cf. 27:3).<sup>91</sup> A segunda metade do versículo menciona um dos pecados pelos quais Tiro e o seu rei serão julgados, ou seja, a sua "injustiça" (*'awlâtâh*) nas relações comerciais (cf. 28:18).

[28:16] *Pela abundância do teu comércio se encheram o teu interior de violência e pecaste; E te profanaste, desde o monte dos deuses, e te destruí, ó querubim, o que cobria [com as asas estendidas], em meio às pedras de fogo.* Segundo Fredenburg, os versículos 16 ao 18 apresentam os pecados de Tiro em uma ordem aspiral crescente: (1) o pecado da violência em 28:16; (2) os pecados do orgulho e da corrupção da sabedoria em 28:17; e (3) os pecados da multiplicação das iniquidades, da injustiça no comércio e da profanação dos santuários em 28:18.<sup>92</sup> Este versículo continua o tema da injustiça abordado em 28:15 e ainda acrescenta a este mal a "violência" (*hâmâs*), que tem relação com as práticas comerciais de Tiro.<sup>93</sup>

[28:17] *Se elevou o teu coração pela tua beleza; arruinaste a tua sabedoria devido ao teu esplendor. Sobre o solo eu te lancei, diante das faces dos reis te pus para que olhem em ti.* Essa descrição do orgulho e consequente lançamento do rei de Tiro à terra, tornando-o um espetáculo diante dos reis, não aponta para a queda de Satanás do céu. Em vez disso, "Ezequiel usa uma linguagem cósmica, essencial à metáfora desenvolvida, para descrever a queda e sepultamento da cidade (cf. 26:18,20;27:27;28:8)".<sup>94</sup>

[28:18] *Por causa da abundância das tuas iniquidades na injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários. Então, eu trouxe uma chama do meio de ti, ela te devorou e te coloquei em cinzas sobre o solo, aos olhos de todos os que te veem.* Neste versículo nota-se a repetição do tema da injustiça mencionado em 28:15. Já as frases "profanaste os teus santuários" e "trouxe

<sup>91</sup> Para obter maiores informações, veja o comentário feito em 28:12c.

<sup>92</sup> FREDENBURG, 2002, p.253.

<sup>93</sup> Para obter maiores detalhes sobre o "monte dos deuses", o "querubim" e as "pedras de fogo", veja os comentários feitos sobre Ezequiel 28:14a-c.

<sup>94</sup> FREDENBURG, 2002, p.253.

uma chama do meio de ti, ela te devorou e te coloquei em cinzas" denunciam o rei de Tiro como aquele que profanou os templos que fizeram de Tiro uma ilha sagrada, trazendo sobre ela destruição devido ao seu próprio pecado.<sup>95</sup> Além disso, a expressão "te coloquei em cinzas" tanto pode significar que Deus incendiou a cidade-estado de Tiro através do "ataque do exército babilônico, que reduziu a cidade a cinzas",<sup>96</sup> quanto pode ser também uma releitura do episódio da queda do primeiro homem. Assim como 'âdâm, ao cair em pecado, voltou para o pó da terra (cf. Gênesis 3:19), do mesmo modo o rei de Tiro (chamado duas vezes de 'âdâm, em 28:2,9), ao pecar contra YHWH seria transformado em cinzas.<sup>97</sup> O fim trágico do rei de Tiro deveria servir de advertência a todos aqueles que o vissem naquele estado degradante.

[28:19] *Todos os que te conhecem entre os povos estarão desolados sobre ti, terrores terás e nada serás para sempre.* Este é o desfecho do oráculo pronunciado contra o rei de Tiro: aquele que se julgava um deus (cf. 28:2,9) simplesmente deixaria de existir: "nada serás para sempre".

## CONCLUSÃO

Em posse de todos esses dados, podemos chegar a duas conclusões principais em nosso estudo.

Primeira, enquanto por um lado a tradição judaica, através dos escritos de seus sábios, se inclina a ver o rei da Babilônia em Isaías 14:12-15 e de Tiro em Ezequiel 28:11-19 como dois seres humanos, por outro lado, a tradição cristã, representada pelos textos de alguns dos pais da Igreja, tende a alegorizar as citadas passagens, vendo nelas um sentido mais profundo ou oculto, que aponta para a queda original de Satanás.

Segunda, em nossa análise de Isaías 14:12-15 e Ezequiel 28:11-19 pudemos notar também que estes dois textos se referem não à queda de um ser angelical originalmente bom e posteriormente decaído, mas sim a dois

---

<sup>95</sup> PFEIFFER & HARRISON, 1962, p.746.

<sup>96</sup> CHAMPLIN, 2001, p.3286.

<sup>97</sup> SCHÖKEL & DIAZ, 2002, p.813.

governantes humanos que, ao ambicionarem orgulhosamente a posição de divindades, pecam diante de YHWH, e, conseqüentemente, são depostos de seus tronos, situação que é descrita em linguagem acentuadamente simbólica e mitológica.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Ralph H. *Ezekiel*. [Everyman's Bible Commentary]. Chicago, Moody Publishers, 1976.
- ALTER, Robert & KERMODE, Frank. [Orgs.]. *Guia Literário da Bíblia*. [Trad. Raul Fiker]. São Paulo, Editora Unesp, 1987.
- ARMENTEROS, Víctor M. [Trad.]. *Midrash Tanhuma Génesis*. (Edición de S. Buber). [Biblioteca Midrásica | 31]. Estella, Editorial Verbo Divino, 2009.
- ARNOLD, Bill T. & WILLIAMSON, H. G. M. [Eds.]. *Dictionary of Old Testament Historical Books*. Downers Grove, InterVarsity Press, 2005.
- AUBET, Maria Eugenia. *The Phoenicians and the West: Politics, Colonies, and Trade*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.
- AUGUSTINE. *The City of God*. [Trad. Marcus Dods]. New York, Random House, Inc., 1994.
- BAILEY, JR., Preston T. *Spiritual Warfare: Defeating the Forces of Darkness*. Maitland, Xulon Press, 2008.
- BARRICK, W. Boyd. *BMH as Body Language: A Lexical and Iconographical Study of the Word BMH When Not a Reference to Cultic Phenomena in Biblical and Post-Biblical Hebrew*. [The Library of Hebrew Bible: Old Testament Studies | 477]. New York, T & T Clark International, 2008.
- BECKING, Bob & DIJKSTRA, Meindert. [Eds.]. *On Reading Prophetic Texts: Gender-Specific and Related Studies in Memory of Fokkelien van Dijk-Hemmes*. Leiden, E. J. Brill, 1996.
- BERGANT, Dianne & KARRIS, Robert J. [Orgs.]. *Comentário Bíblico*. (Vol.II).[Trad. Barbara Theoto Lambert]. São Paulo, Edições Loyola, 2001.
- BERLIN, Adele, BRETTLER, Marc Zvi & FISHBANE, Michael A. *The Jewish Study Bible*. Oxford and New York, Oxford University Press, 1999.

- BLOCK, Daniel I. *The Book of Ezekiel: Chapters 25-48*. [NICOT]. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1998.
- BODA, Mark J. & FLOYD, Michael H. [Eds.]. *Tradition in Transition: Haggai and Zechariah 1-8 in the Trajectory of Hebrew Theology*. [The Library of Hebrew Bible / Old Testament Studies | 475]. New York, T & T Clark International, 2008.
- BOTTERWECK, G. Johannes & RINGGREN, Helmer. [Eds.]. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Co., 1974 (Vol.I), 2001 (Vol.XI), 2004 (Vol. XIII).
- BROWN, Francis, DRIVER, S. R. & BRIGGS, Charles A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*. Oxford, Clarendon Press, 1951.
- BRUEGGEMANN, Walter. *Isaiah 1-39*. [Westminster Bible Companion]. Louisville, Westminster John Knox Press, 1998.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. [Vol.5]. São Paulo, Edição Saraiva, 1966.
- CARLEY, Keith W. *The Book of the Prophet Ezekiel*. [The Cambridge Bible Commentary]. Cambridge, Cambridge University Press, 1974.
- CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: Versículo por Versículo*. [Vol.5]. São Paulo, Hagnos, 2001.
- COHN-SHERBOK, Dan. *A Concise Encyclopedia of Judaism*. Oxford, Oneworld Publications, 1998.
- COLE, Ross & PETERSEN, Paul. *Hermeneutics, Intertextuality and Contemporary Meaning of Scripture*. Cooranbong, Avondale Academic Press, 2014.
- COTERELL, Arthur. *MacMillan Illustrated Encyclopedia of Myths and Legends*. New York, Macmillan Publishers, 1989.
- COULTER, Charles Russel & TURNER, Patricia. [Eds.]. *Encyclopedia of Ancient Deities*. Jefferson, McFarland & Company, 2000.
- CRAIGIE, P. C. *Helel, Athtar and Phaeton (Jes 14:12-15)*. Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft. [ZAW] 85:2. Tübingen, Walter De Gruyter GmbH & Co., 1973.

CROATTO, J. Severino. *Isaías: O Profeta da Justiça e da Fidelidade*. [Vol.I:1-39]. [Trad. Jaime A. Clasen]. Petrópolis, Vozes; São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista; São Leopoldo, Sinodal, 1989.

CROSS, F. L. & LIVINGSTONE, E. A. [Eds.]. *The Oxford Dictionary of the Christian Church*. Oxford and New York, Oxford University Press, 2005.

CYRIL OF JERUSALEM. *Works*. Vol.1. In: MCCAULEY, Leo P. & STEPHENSON, Anthony A. [Trads.]. *The Fathers of the Church*. Washington, The Catholic University of America Press, Inc., 1969.

DELITZSCH, Franz. *Biblical Commentary on the Prophecies of Isaiah*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

DIETRICH, Manfred & LORETZ, Oswald. *Ugarit: Ein ostmediterranes kulturzentrum im Alten Orient: Ergebnisse und Perspektiven der Forschung*. [Abhandlungen zur Literatur Alt-Syrien-Palästinas]. Vol.7. Münster, Ugarit-Verlag, 1995.

DOCKERY, David S. *Christian Scripture: An Evangelical Perspective on Inspiration, Authority and Interpretation*. Eugene, Wipf and Stock Publishers, 2004.

DONALDSON, James. *Ante-Nicene Christian Library: Translations of the Writings of the Fathers*. [Vol.VII. *Tertullianus Against Marcion*]. Edinburgh, T&T Clark, 1868.

DOORLY, William J. *Isaiah of Jerusalem: An Introduction*. New Jersey, Paulist Press, 1992.

EFRÓN, Joshua. *Studies on Hasmonean Period*. Leiden, Brill, 1987.

EICHRODT, Walter. *Ezekiel: A Commentary*. [The Old Testament Library]. Philadelphia, The Westminster Press, 1970.

ELLIGER, K. et RUDOLPH, W. [Eds.]. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. [Editio Quinta Emendata]. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

EPSTEIN, Isidore. [Ed.]. *Soncino Babylonian Talmud*. London, The Soncino Press, 1961.

FEYERABEND, Karl [Ed.]. *A Complete Hebrew-English Pocket Dictionary to the Old Testament*. Charleston, Forgotten Books, 2012.

FISHBANE, Michael. *Biblical Myth and Rabbinic Mythmaking*. Oxford, Oxford University Press, 2004.

FREDENBURG, Brandon L. *Ezekiel. The College Press NVI Commentary*. [Old Testament Series]. Missouri, College Press Publishing Co., 2002.

FREEDMAN, Noel [Ed.]. *Eerdmans Dictionary of the Bible*. Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2000.

FRIEDLANDER, Gerald. [Trad.]. *Pikê De Rabbi Eliezer*. London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co.Ltd. / New York, The Bloch Publishing Company, 1916.

GESENIUS, H. W. F. *Gesenius' Hebrew-Chaldee Lexicon to the Old Testament*. Grand Rapids, Baker Book House, 1979.

GUNKEL, Hermann. *Genesis*. Macon, Mercer University Press, 1997.

HEASTER, Duncan. *The Real Devil: A Biblical Exploration*. South Croydon, Carelinks Publishing, 2007.

HELYER, Larry R. *Exploring Jewish Literature of the Second Temple Period: A Guide for New Testament Students*. Downers Grove, InterVarsity Press, 2002.

HENZE, Mathias. *The Madness of King Nebuchadnezzar: The Ancient Near Eastern Origins and Early History of Interpretation of Daniel 4*. [Supplements to the Journal for the Study of Judaism]. Vol.61. Leiden, Brill, 1999.

HOLLADAY, William L. [Ed.]. *A Concise Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company / Leiden, Brill, 1988.

INGRAM, Chip. *The Invisible War: What Every Believer Needs to Know About Satan, Demons, and Spiritual Warfare*. Grand Rapids, Baker Books, 2006.

JÁNOS II, Pal. *Nova Vulgata Biblorum Sacrorum Editio*. Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1979.

KELLY, Joseph F. *The Problem of Evil in the Western Tradition: From the Book of Job to Modern Genetics*. Collegeville, The Liturgical Press, 2001.

KOEHLER, Ludwig & BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of The Old Testament*. [Vol.1]. Leiden, Brill, 2001.

LAUTERBACH, Jacob Z. [Trad.]. *Mekhilta De-Rabbi Ishmael*. [JPS Classic Reissues]. Philadelphia, The Jewish Publication Society, 2004.

LIPINSKI, Edward. *Dieux et Déesses de l'Univers Phénicien et Punique*. [Orientalia Lovaniensia Analecta 64; Studia Phoenicia XIV]. Leuven, Peeters Publishers, 1995.

LYLE, Anthony. *Ancient History: A Revised Chronology: An Updated Revision of Ancient History Based on New Archaeology*. [Vol.1]. Bloomington, AuthorHouse, 2012.

MARKOS, Louis. *Heaven and Hell: Visions of the Afterlife in the Western Poetic Tradition*. Eugene, Wipf and Stock Publishers, 2013.

MCGRATH, Alister E. *Christian Theology: An Introduction*. Oxford, John Wiley & Sons Ltd., 2011.

MCKIM, Donald K. [Ed.]. *Historical Handbook of Major Biblical Interpreters*. Downers Grove, InterVarsity Press, 1998.

NELSON, W. David. [Trad.]. *Mekhilta De-Rabbi Shimon Bar Yohai*. Philadelphia, The Jewish Publication Society, 2006.

NEUSNER, Jacob. *A Theological Commentary to the Midrash: Mekhilta Attributed to Rabi Ishmael*. [Studies in Ancient Judaism | Vol.9]. Boston, University Press of America, 2001.

NEYREY, Jerome H. *2 Peter, Jude: A New Translation with Introduction and Commentary*. [The Anchor Bible]. Vol.37. Broadway, Doubleday, 1993.

OLLEY, John W. *Ezekiel: A Commentary Based on Iezekiel in Codex Vaticanus*. [Septuagint Commentary Series]. Leiden, Brill, 2009.

OSVALT, John N. *The Book of Isaiah, Chapters 1-39*. [NICOT]. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Co., 1986.

PATMORE, Hector M. *Adam, Satan, and the King of Tyre: The Interpretation of Ezekiel 28:11-19 in Late Antiquity*. Leiden, Brill, 2012.

PFEIFFER, Charles & HARRISON, Everett F. [Eds.]. *The Wycliffe Bible Commentary*. Chicago, Moody Press, 1962.

PHILLIPS, John. *Exploring the Future: A Comprehensive Guide to Bible Prophecy*. Grand Rapids, Kregel Publications, 2003.

POPE, Marvin. *El in the Ugaritic Texts*. [Supplements to Vetus Testamentum | 2]. Leiden, Brill, 1955.

PRITCHARD, James B. [Ed.]. *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. [ANET]. Princeton, Princeton University Press, 1955.

PROENÇA, Eduardo de. [Ed.]. *Apócrifos e Pseudo-Epígrafos da Bíblia*. [Trad. Claudio J. A. Rodrigues]. São Paulo, Fonte Editorial, 2005.

REDDISH, Mitchell G. *Antichrist*. In: MILLS, Watson E. [Ed.]. *Mercer Dictionary of the Bible*. Georgia, Mercer University Press, 1990.

RIDDERBOS, J. *Isaías: Introdução e Comentário*. [Trad. Adiel Almeida de Oliveira]. São Paulo, Vida Nova, 1995.

ROBERTS, Alexander & DONALDSON, James. *Ante-Nicene Christian Library: Translations of the Writings of the Fathers*. [Vol.X. The Writings of Origen]. Edinburgh, T&T Clark, 1869.

SACKS, Steven Daniel. *Midrash and Multiplicity: Pirke de-Rabbi Eliezer and the Renewal of Rabbinic Interpretative Culture*. Berlin, Walter De Gruyter GmbH & Co., 2009.

SCHÖKEL, L. Alonso & DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas II*. [Trad. Anacleto Alvarez]. (Série: Grande Comentário Bíblico). São Paulo, Paulus, 2002.

SHIPP, R. Mark. *Of Dead Kings and Dirges: myth and meaning in Isaiah 14:4b-21*. Leiden, Brill, 2003.

SMITH, Gary V. *Isaiah 1-39*. [The New American Commentary]. Nashville, B & H Publishing Group, 2007.

SMITH, James E. *Ezekiel: A Christian Interpretation*. Missouri, College Press, 1979.

TAUCHNITZ, Bernhard. *A New Dictionary of the Latin and English Languages*. London and New York, George Routledge and Sons, Limited, 1910.

TAYLOR, John B. *Ezequiel: Introdução e Comentário*. [Trad. Gordon Chown]. São Paulo, Vida Nova / Mundo Cristão, 1984.

TOORN, Karel Van Der, BECKING, Bob & HORST, Pieter W. Van Der. [Eds.]. *Dictionary of Deities, and Demons in the Bible*. Leiden, Brill / Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, 1999.

TOWSEND, John T. *Midrash Tanhuma: Translated into English with Introduction, Indices and Brief Notes*. New Jersey, KTAV Publishing House, Inc., 1989.

VAILATTI, Carlos Augusto. *Manual de Demonologia*. São Paulo, Fonte Editorial, 2011.

VAN PEURSEN, Wido Th. & DYK, Janet. [Eds.]. *Tradition and Innovation in Biblical Interpretation: Studies Presented to Professor Eep Talstra on the Occasion of His Sixty-Fifth Birthday*. [Studia Semitica Neerlandica]. Vol.57. Leiden, Brill, 2011.

WALTON, John, MATTHEWS, Victor & CHAVALAS, Mark. *Comentário Bíblico Atos: Antigo Testamento*. Belo Horizonte, Editora Atos, 2003.

WALVOORD, John F. *The Final Drama: 14 Keys to Understanding the Prophetic Scriptures*. Grand Rapids, Kregel Academic, 1997.

WALVOORD, John & ZUCK, Roy B. *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*. Colorado Springs, David C. Cook, 1983.

WYATT, N. *Religious Texts From Ugarit*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 2002.

XUN, Chen. *Theological Exegesis in the Canonical Context: Brevard Springs Childs's Methodology of Biblical Theology*. New York, Peter Lang Publishing, Inc., 2010.

YARNOLD, Edward. *Cyril of Jerusalem*. [The Early Church Fathers]. London, Routledge, 2000.

ZIMMERLI, Walther. *Ezekiel 2: A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel, Chapters 25-48*. Philadelphia, Fortress Press, 1983.

ZUCK, Roy B. *Basic Bible Interpretation: A Practical Guide to Discovering Biblical Truth*. Colorado Springs, David C. Cook, 1991.